

## OS CATÓLICOS DA REVISTA IDADE NOVA: BASES SOCIAIS, REPERTÓRIOS INTELLECTUAIS DE AÇÃO E ESPAÇOS DE ATUAÇÃO NO RS (1920-1940)

THE CATHOLICS OF THE MAGAZINE "IDADE NOVA": SOCIAL BASES, INTELLECTUAL REPERTOIRES OF ACTION AND SPACES OF PERFORMANCE IN THE RS. (1920-1940)

Lorena Monteiro\*  
lorena.madruga@gmail.com

**RESUMO:** Os estudos sobre o ressurgimento católico no Brasil centraram-se na ação dos intelectuais da Revista A Ordem. Logo, esses estudos não privilegiaram os movimentos intelectuais regionais, como o caso do Rio Grande do Sul. Com essa orientação este artigo demonstra as especificidades do grupo da Revista Idade Nova, uma espécie de A Ordem no nível regional, suas bases sociais, trajetórias escolares e os espaços que tiveram influência na sociedade gaúcha. Argumenta-se que o grupo desta revista se formou na mesma tradição escolar e religiosa a que os distingue dos intelectuais ligados ao Centro Dom Vital. Através de dados biográficos e dos artigos desta revista analisaram-se os repertórios intelectuais embasados pelas correntes neotomistas e inferiu-se que se dirigiram contra tudo o que não convergissem com o projeto católico nas esferas sociais, não apenas o positivismo e o comunismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ressurgimento católico, Revista Idade Nova, Repertórios Intelectuais, Jesuítas, Cultura.

**ABSTRACT:** Studies on the Catholic resurgence in Brazil focused on the action of the intellectuals of Revista A Orden. Therefore, these studies did not privilege regional intellectual movements, such as the case of Rio Grande do Sul. With this orientation, this article demonstrates the specificities of the Revista Idade Nova group, a kind of Order at the regional level, its social bases, school paths and the spaces that had influence in the gaucho society. It is argued that the group of this magazine formed in the same school and religious tradition which distinguishes them from the intellectuals connected to the Dom Vital Center. Through biographical data and the articles of this magazine the intellectual repertoires based on the neo-Thomistic currents were analyzed and it was inferred that they were directed against everything that did not converge with the Catholic project in the social spheres, not only positivism and communism.

**KEYWORDS:** Resurgence Catholic, Idade Nova Journal, Repertoires Intellectuals, Jesuits, Culture.

### Introdução

A maioria dos estudos sobre o ressurgimento católico no Brasil centrou-se na ação e no pensamento católico contra-revolucionário dos intelectuais do *Centro Dom Vital* e da Revista *A Ordem*, representados por Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima (DIAS, 1996; VILLAÇA, 1977). Alguns destes estudos destacaram a influência desses intelectuais católicos em relação à tutela da Igreja sobre a criação do sistema público de ensino em todos seus níveis (CURY, 1978; DELLA CAVA, 1975; SALEM, 1982). Ainda, embora em número reduzido, àqueles trabalhos que analisam a relação do catolicismo com a política tendo

---

\* Doutora e Mestre em Ciência Política pela UFRGS. Professora PPGI do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes UNIT/AL.

como referência a mudança da doutrina social e das instituições da Igreja mundialmente (MAINWARING, 2004).

De todo modo, esses estudos além de centralizarem seu foco no grupo de intelectuais que atuaram na capital do Estado brasileiro no Centro Dom Vital e na revista *A Ordem* num contexto histórico determinado, ou seja, o da reconstrução institucional do país via regime autoritário, não privilegiaram os movimentos intelectuais católicos regionais.

Embora, alguns trabalhos sinalizem a importância que teve certa intelectualidade leiga católica no espaço social do Rio Grande do Sul (CORADINI, 2007; TRINDADE, 1982), poucos se dedicaram a analisar sua formação como um desdobramento da renovação da Igreja no sul do país. Neste artigo analisamos especialmente o grupo da revista *Idade Nova*, que, apesar de ser um grupo menor da chamada *Geração católica*, foi atuante e precursor da publicização do catolicismo na sociedade burguesa que emergia.

Com esse objetivo demonstra-se que o grupo dirigente da citada revista se formou na mesma tradição escolar jesuítica, através do Colégio Anchieta, e foram convertidos ao catolicismo através das Congregações Marianas, como a *Mater Salvatoris*, o que os difere do grupo católico do Rio de Janeiro, cujos representantes do laicato passaram por processos distintos de conversão e ação. Portanto, a formação desse grupo refere-se diretamente ao desenvolvimento do Catolicismo Romanizado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

De outro modo, ao evidenciar que os membros do grupo, além da formação escolar, possuíam as mesmas bases sociais e trajetórias profissionais e/ ou políticas lança-se novos dados para a compreensão da emergência da sociedade moderna através daqueles que dela fizeram parte. Ainda, dentro dessa problemática mais geral analisaram-se os repertórios intelectuais de ação embasados pelas correntes *neotomistas* reproduzidos pelos membros do grupo católico na revista *Idade Nova* e inferiu-se que não se dirigiram apenas contra o positivismo, o protestantismo e o comunismo, mas tudo o que não convergissem com o projeto católico na sociedade capitalista em formação no Rio Grande do Sul. Para tanto, através de fontes distintas reconstruímos as biografias e trajetórias do grupo citado, assim como seus escritos publicados na Revista *Idade Nova* desde sua fundação em 1934 até a década de 1940.

### **Do pensamento antiliberal ao projeto do catolicismo romanizado no sul do País**

As análises tradicionais sobre o pensamento católico e seus interpretes mais representativos no Brasil inserem-se naquele ramo de estudos historiográfico até então indeterminado em seu objeto e que se ramificou em várias vertentes designado como História Intelectual<sup>1</sup>. Em sua maioria tais estudos sobre o movimento católico no Brasil ligam-se à História das Ideias, nas suas perspectivas americana e inglesa<sup>2</sup>, uma vez que privilegiaram o pensamento católico, ou seja, as ideias difundidas em livros, revistas desconectadas do contexto social em que foram produzidas. Mesmo àqueles estudos que não desconsideraram o contexto em que as ideias foram produzidas enfatizaram mais a constituição e reprodução do pensamento católico contra- revolucionário e antiliberal e/ ou a escola de pensamento que se afiliavam.

O panorama descrito por José Murilo de Carvalho (1998) no artigo *História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura* situa como a História das ideias foi abordada no Brasil, e serve, em algumas questões, para compreender os trabalhos sobre o movimento católico no Brasil. Os primeiros estudos sobre as ideias e o pensamento político no Brasil analisavam as ideias dos autores ou os agrupavam em famílias intelectuais ligadas a certas correntes de pensamento, caracterizando tais autores como afiliados ao liberalismo, ao positivismo, ao socialismo, dentre outras vertentes; ou então os agregando em outras categorias tais como conservadores e/ou autoritários.

Os resultados desse tipo de perspectiva historiográfica são bastante conhecidos, como as obras que tratam da História do pensamento político, jurídico, filosófico, sociológico, econômico, etc. No campo do pensamento católico isto é verificado, por um lado, nas obras de História da Filosofia ou das ideias filosóficas nas quais os intelectuais católicos figuram como representantes e divulgadores do Tomismo e do Neotomismo (COSTA, 1945; PAIM, 1967; CAMPOS, 1998), e, por outro, naquelas que os relacionam a

---

<sup>1</sup> Para uma síntese da evolução dessa área de pesquisa e suas indeterminações ver: DOSSE, François. *Le marché des idées. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: La découverte, 2003.

<sup>2</sup> Exemplos do contextualismo lingüístico da Escola de Cambridge encontram-se nas obras de SKINNER, Quentin. *Meaning and understanding in the history of ideas*. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics*, Vol 1, Cambridge, University Press, 2002; POLOCK, John. *Linguagens do ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003; TUCK, Richard. *História do pensamento político*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo. Editora da UNESP, 1992.

manutenção e reprodução do pensamento conservador no Brasil (BEIRED, 1999; ROMANO, 1994; FAUSTO, 2001).

Atualmente as análises de *História Intelectual*, *História dos Intelectuais* ou *Sociologia dos intelectuais* apresentam outras perspectivas, tanto nas Ciências Sociais, quanto na História. De um lado, aparece uma espécie de *Sociologia* ou *Cartografia* dos intelectuais influenciada pelos estudos sociológicos de Pierre Bourdieu e de seu grupo sobre o campo intelectual francês<sup>3</sup>. Tal perspectiva privilegia fatores externos aos textos e obras em suas análises como a constituição das redes sociais, as filiações e as gerações intelectuais relacionadas a um determinado estado e estrutura do campo intelectual, buscando desvendar os recursos, as lógicas, os interesses e as ações que moveram a trajetória e itinerário daqueles reconhecidos como intelectuais. E por outro, no campo historiográfico, manteve-se a perspectiva *internalista* de interpretação das obras, dos discursos intelectuais, mas com novos enfoques. Apresenta-se como uma *História política dos intelectuais* a qual considera como objeto de análise os manifestos, petições, discursos que mobilizaram os intelectuais para a atuação pública, a exemplo do trabalho de Jean-François Sirinelli (1990) sobre os debates e paixões intelectuais em torno do *Affaire Dreyfus*.

Esse ressurgimento da História intelectual ou Sociologia dos intelectuais, distinta daquela História das Ideias da Escola de Cambridge, refletiu-se nas análises sociológicas sobre elites intelectuais no Brasil e numa reavaliação do estado desse campo de estudos. Tais análises, a partir de temas históricos relacionaram os contextos os quais os intelectuais estiveram inseridos e produziram suas ideias com suas propriedades sociais e recursos acionados, assim como o sentido de suas construções intelectuais, práticas sociais e políticas.

Ao contrário das análises centradas nas obras ou na escola de pensamento que os intelectuais no Brasil se afiliavam, os novos estudos consideram o contexto histórico de produção da vida intelectual uma variável importante. Ângela Alonso (2002) seguiu uma direção similar ao analisar um tema histórico - A geração de 1870 no Brasil - e dar um

---

<sup>3</sup> Um dos exemplos de estudos nessa perspectiva é a obra de Christophe Charle a qual reconstitui o contexto cultural o qual emergiu a figura do intelectual francês no *affaire Dreyfus* através da análise das mudanças que ocorreram no campo intelectual com a expansão do ensino superior que possibilitou o surgimento de novos grupos com valores, origens sociais e formação universitária, distintos daqueles já estabelecidos. Ver: CHARLE, Christophe. *Naissance des intellectuels*. Paris: Minuit, 1990.

tratamento sociológico a este objeto, enfatizando os aspectos externos as obras e discursos dos membros dessa geração.

A geração de 1870 no Brasil foi composta por aqueles que se posicionaram criticamente em relação às instituições imperiais. Até a análise de Ângela Alonso os estudos existentes referiam-se as escolas de pensamento europeias as quais o grupo filiava-se, como o cientificismo, o evolucionismo e o positivismo. Esse estudo demonstrou que tratar movimentos intelectuais apenas a partir das ideias propagadas por um grupo de autores pressupõe a existência de um campo intelectual autônomo às outras esferas do espaço social no período referido, especialmente à política, o que não se confirma para o período em questão. Além de que um movimento está mais ligado às condições históricas determinadas do que apenas a propagação de ideias, em sua maioria das vezes importadas de outros contextos.

Essas condições históricas determinadas a qual Alonso recorre na explicação da ascensão no debate público e na carreira política dos membros da Geração republicana de 1870 no Brasil, quando deslocada para a análise do movimento intelectual católico no Rio Grande do Sul modifica-se. Primeiro porque os católicos não estavam alijados das estruturas de poder no período imperial, e no caso específico do Rio Grande do Sul nem o laicato leigo havia se constituído, e, segundo, porque no período republicano não ficaram afastados das novas instituições que emergiam, nem constituíam uma ideologia bem definida. A questão é que a intelectualidade católica não ficou deslocada do projeto de modernização dos republicanos positivistas, ela participou do processo.

Portanto, não se pode pensar numa reação católica contra a situação de ostracismo político da Igreja Católica durante o período republicano, como em outros contextos. Isto se deve à implantação do catolicismo romanizado no Brasil, que, especialmente no sul do país, teve um papel significativo na formação das elites sociais e políticas. Sabe-se que catolicismo romanizado no Brasil se caracterizou pela expansão territorial de Dioceses que investiram na formação e reprodução dos quadros eclesiásticos e pela ampliação de educandários católicos mantidos por diversas ordens religiosas europeias. Implantação esta que se refletiu, sobretudo, na transformação e relacionamento da Igreja com as oligarquias regionais, uma vez que:

Ao brindar todos os Estados brasileiros com pelo menos uma Diocese, a Igreja passou a dispor de um sistema interno que se pautara pelas linhas de força que presidiram à montagem do pacto oligárquico (...). A política de estadualização foi implantada através de estratégias diferenciadas conforme o peso político e a contribuição econômica de cada unidade federativa para a manutenção do pacto oligárquico e, conseqüentemente, em função da margem de influência e prestígio já conquistado pela Igreja, do grau de receptividade à sua contribuição por parte dos círculos dirigentes locais e do potencial de mobilização dos católicos como grupos articulados de pressão a ponto de influir sobre as decisões governamentais suscetíveis de afetar as áreas vitais de interesse para a própria organização eclesial (MICELI, 1988, p. 67).

Nesse sentido, a expansão do catolicismo romanizado traduziu-se numa estratégia de adaptação e de reação da Igreja ao processo de modernização da sociedade brasileira. Por um lado, consistiu num esforço empreendido pela Igreja na transição do período imperial para o republicano a fim de implantar no Brasil novas formas de expressão da fé mais condizentes com a sociedade urbana em formação, especializando seu Clero e afastando-se do Catolicismo de cunho devocional, típico de sociedades rurais e tradicionais (AZZI, 2007).

De outro, ao forjar a formação escolar e religiosa das elites econômicas e sociais garantia a reprodução e a incorporação das diretrizes católicas de combate aos princípios do mundo moderno, contidas, tanto nas Encíclicas Papais, como nas teorias contrarrevolucionárias.

Assim no Rio Grande do Sul, se antes, ainda durante o período imperial, a Igreja, sob a liderança inicialmente do Bispo Dom Feliciano Prates e depois de Dom Sebastião Dias de Laranjeira, contava com poucas instituições educacionais e era praticamente inexistente, com o advento da República proliferaram-se escolas mantidas por diversas ordens religiosas<sup>4</sup>. Portanto, “se esta expansão da rede educacional sob o domínio da Igreja deu-se em quase todo o país, parece ter sido o Rio Grande do Sul onde ela alcançou maior intensidade e importância dentro da dinâmica social” (SEIDL, 2003, p. 35). Em relação a esse processo discorre Azzi (2007, p. 19):

Os estabelecimentos educativos, dirigidos pelos religiosos, transformaram-se em espaços privilegiados oferecidos à juventude, na transição da vida

---

<sup>4</sup> Jesuítas (1848), Irmãos do Sagrado Coração (1856), Franciscanas da Caridade (1872), Palotinos (1886), Irmãs de Santa Catarina (1856), Capuchinhos (1896), Carlistas (1896), Irmãos de São José de Moutiers (1898), Maristas (1900), Salesianos (1901), Lassalistas (1907), Claretinos (1907), Filhos de Nossa Senhora do Horto (1908), Irmãos de Santa Teresinha do Jesus (1910), etc.

rural para a sociedade urbana. A instrução e a educação deviam servir não só de marca registrada das classes abastadas, mas, ao mesmo tempo como um sinal distintivo desse segmento populacional, estabelecendo-se pouco a pouco uma separação não só material, mas também cultural, em relação às camadas populares de camponeses e operários. A ascensão social passava a constituir uma preocupação da burguesia emergente.

Dentre todas as Ordens que fundaram e mantiveram empreendimentos educacionais católicos no Rio Grande do Sul a dos Jesuítas destacou-se na formação das elites, especialmente daqueles grupos que difundiram o catolicismo no espaço social rio-grandense, como os da Revista *Idade Nova*. Desse modo, quando o foco é deslocado das relações entre a Igreja e o Estado ou sobre a influência de seus postulados no pensamento social brasileiro para a análise da constituição dos grupos católicos, a partir do enfoque biográfico, desvenda-se o impacto que o catolicismo romanizado teve na formação de elites letradas e católicas no processo de modernização social.

Portanto, neste trabalho, seguem-se essas novas diretrizes da *História intelectual*, da *História política* e da *Sociologia dos intelectuais* uma vez que se leva consideração as propriedades sociais e as trajetórias dos membros do laicato católico da revista *Idade Nova*, além de suas produções intelectuais. Toma-se, desse modo, que essa *elite* católica não é algo dado, é, antes de tudo, um fenômeno social e histórico a ser explorado, e, enquanto tal, deve ser apreendido, tanto pelas suas bases sociais, quanto pelas suas práticas sociais, tomadas de posição, e produções intelectuais em dado contexto histórico. Portanto, esta é a perspectiva adotada nesse trabalho com o objetivo de demonstrar as possibilidades e limitações da pesquisa histórica aliada à análise sociológica daqueles grupos identificados como *elites*.

### **A Seiva moça da Revista *Idade Nova***

A revista *Idade Nova* foi fundada em 1934, por um grupo de moços católicos advindos das Congregações Marianas do Colégio Anchieta, no período em que a maioria encontrava-se realizando seus estudos universitários nas tradicionais escolas de Direito, Medicina e Engenharia de Porto Alegre. Representava, por um lado, um meio de difusão dos postulados católicos no espaço universitário até então dominado pela influência doutrinária daqueles identificados como republicanos – positivistas, e, por outro, um órgão de divulgação e irradiação do incipiente movimento da Juventude Católica, coordenado a partir do Centro Católico de Acadêmicos (CCA), criado em 1931.

Como a revista *Idade Nova* até 1939 teve um caráter autônomo, desvinculada do controle da Arquidiocese e dos departamentos de Estado, privilegiou-se, neste artigo, esse período. Essa opção excluiu oito indivíduos<sup>5</sup> com atuação destacada na revista a partir de 1940, quando passou a ser um órgão da Juventude Católica do RGS aprovada pela autoridade eclesiástica e registrada no DIP. Assim como, dado o caráter do CCA de recrutador dos universitários para a defesa dos ideais católicos, não se leva em consideração dezesseis casos<sup>6</sup> os quais não localizamos dados que os liguem aos empreendimentos católicos emanados a partir dos grupos das Congregações Marianas e da Ação Católica da década de 1930. Desse modo, privilegiou-se cerca de trinta biografias<sup>7</sup> mais representativas do movimento católico difundido na revista citada na década de 1930.

Alguns dos membros do grupo da revista *Idade Nova* têm sua origem étnica diretamente relacionada à imigração alemã e italiana no Estado do Rio Grande do Sul e no de Santa Catarina. Enquanto descendentes do fluxo migratório europeu podem ser inseridos como um desdobramento, não apenas daquilo que ficou conhecido como *catolicismo de imigração*, mas de uma matriz básica denominada de *Comunitarismo Orgânico* que se refere “a incorporação de novos segmentos sociais não mais provenientes da campanha, mas das colônias” (CORADINI, 1998, p. 122) na transição do império para a República no sul do país.

No entanto, muito mais significativo do que apenas o fato de seus avôs e/ou pais sejam originários dos empreendimentos coloniais, e não da região geográfica politicamente e economicamente dominante, para a ascensão da Geração Católica no espaço social foram os “investimentos educacionais das Igrejas baseadas nas colônias, no caso, como estratégia própria de uma Ordem, a dos jesuítas, no sentido da educação das elites regionais” (CORADINI, 2003, p. 14). Portanto, refere-se à formação escolar proveniente do Ginásio

---

<sup>5</sup> Aldo Mariante Obino; Armando Kraemer; D. Frei Henrique Trindade; Galeno Vellinho de Lacerda; Gustavo Brochado Leyraud; José Mariante Obino; José Assis Brasil e José Sperb Sanseverino.

<sup>6</sup> Arno Tschiedel; Aurélio Madalena; Felício Gomes; Felix Contreiras Rodrigues; Guilherme de Almeida; Henrique G. de Serpa Pinto; João Latuada; José Fialho de Vargas; Luiz Abs da Cruz; Murilo de Araújo; Onélio Veloso da Silveira; Otty Spalding; Paulo Correa Lopes; Pe. Luiz Gonzaga Jaeger; Rubem Konvad; Xenofonte Lopes.

<sup>7</sup> São eles, em ordem alfabética: Ademar Ferlini Sporleder; Arthur Morsh; Alcino Trindade; Álvaro Magalhães; Américo Tuffoli Culau; Antônio Pinto Bottini; Armando Câmara (pseudônimo Contardo Ozanã); Armando Dias de Azevedo; Arno Schmidt; Balthazar Barbosa; Biase A. Faraco; Carlos de Britto Velho; Damaso Vieira Rocha; Daniel Agostinho Faraco; Ernani Maria Fiori; Francisco Machado Carrion; Franz Muller; Gustavo Pereira Filho; Hugo Vier; José Truda Pallazo; Laudelino Teixeira Medeiros; Mário Bernd; Mário Goulart Reis; Nestor Moojen; Paulo de Barros Ferlini; Rui Rodrigo Brasileiro Azambuja; Victor de Britto Velho; Walter Niederauer Loureiro e Pe. Werner Von Und zur Muhlen, SJ.

Conceição de São Leopoldo, do Ginásio Anchieta de Porto Alegre e do Ginásio Catarinense de Florianópolis.

Além da formação escolar desses educandários ligados as estratégias dos Jesuítas Alemães de inserção social daqueles identificados com a imigração alemã e italiana destacou-se o fato dos membros do grupo da revista *Idade Nova* terem nascido entre os anos de 1891 a 1920 (exceção de Antônio Bottini que nasceu entre 1860-70). Nesse sentido, muito mais significativo do que a origem social e étnica baseada na imigração europeia, foram as *experiências compartilhadas* desse grupo. Assim, mesmo aqueles sem nenhuma relação familiar com a imigração, nascidos nas regiões até então dominantes (Francisco Machado Carrion, Laudelino Medeiros), assim como a maioria de origem lusa, nascidos na capital do Estado (Armando Câmara, Armando Azevedo, Victor de Britto Velho, José Truda Palazzo, dentre outros) acompanharam a emergência econômica das regiões de imigração. Como descreve Pedro Cezar Dutra Fonseca (1990, p. 38) acerca da trajetória de Francisco Machado Carrion:

O jovem Carrion, nascido no ano de 1911, em Dom Pedrito, na Campanha, assistia prosperar no Rio Grande do Sul uma realidade diferente da que conhecera em sua infância: florescia, ao Norte do Estado, uma outra sociedade, assentada na pequena propriedade familiar, com desigualdades sociais menos acentuadas e com sólida formação cristã, onde a instituição religiosa era bem menos elitista que ao Norte do país. Ao final da República Velha, esta sociedade colonial já ultrapassava, demograficamente e economicamente, a região dos latifúndios da Campanha, numa demonstração extremamente convincente aos coevos de que uma sociedade mais igualitária porém assentada na propriedade privada, era viável.

Experiência histórica transportada para muitas das produções intelectuais defendidas por esses católicos posteriormente, como a defesa da propriedade privada de Carrion (A propriedade em seus aspectos teóricos e doutrinários, s/d) e o projeto de pesquisa abortado pelo então catedrático de “sociologia” da UFRGS Laudelino Medeiros sobre a imigração Italiana. Por outro lado, compartilharam nesse período avaliações sobre a modernização conservadora imposta pelos republicanos identificados como positivistas. Nesse sentido, manifestavam contra a laicização da sociedade como Ernani Maria Fiori quando escreveu que: “A lei que, em 1891, implantou o laicismo no Brasil, agora felizmente extinta, deve ser chamada, como foi na Bélgica: “Lei de malheur” (FIORI, 1932, s/n), e,

especificadamente, no plano regional contestavam a esfera cultural uma vez que era “profundamente, impregnada pelo positivismo” (CARRION, 1983, p. 180).

Sabe-se que a versão “castilhistas” do positivismo controlou a política e a sociedade rio-grandense, mesmo com a morte de Júlio de Castilhos. Contudo, essa influência perdurou do fim do século XIX até meados de 1940. Frente a esse contexto rio-grandense, Trindade (1982) compreendeu o surgimento do grupo católico como a ideologia mais importante da década de 1920 até 1950 como consequência ao fato do grupo identificado com as ideias positivistas não ter integrado simultaneamente as diferentes esferas do espaço social, como a da religião e da política. Nesta mesma perspectiva Boeira (1980) definiu três orientações teóricas da propaganda positivista no Rio Grande do Sul: a política, a difusa e a religiosa. Dito de outra forma, essas orientações configuraram-se distintamente na esfera social, por que:

No terreno político estava o “positivismo” sob a liderança de Júlio de Castilhos, Alcides Lima, Borges de Medeiros. No plano religioso, aparecem Felizardo Júnior, Torres Gonçalves. Este grupo está ligado aos fundadores da Escola de Engenharia, em 1896, como João Símplicio Alves de Carvalho, João Vespúcio de Abreu e Silva, Lino Carneiro da Fontoura, Juvenal Miller. No entanto, eles não se ligam aos positivistas da Faculdade de Direito como Cezimbra Jacques, Fernando Antunes (TRINDADE, 1982, p. 40)

Porém, no plano das ideias o positivismo difuso foi influente, especialmente na Escola Militar de Porto Alegre, na Escola Livre de Farmácia e Química industrial, na Escola de Engenharia e na Faculdade de Direito. Porém, é na Faculdade Livre de Direito, fundada em 1900, nove anos após o golpe republicano, que a relação entre o grupo dirigente do Partido Republicano e a formação da “elite” política e cultural gaúcha se concretiza. Primeiramente pelos magistrados convidados por Borges de Medeiros que estudara na Faculdade de Direito de Recife, e que terão um papel decisivo, sob a liderança de Manuel André da Rocha, na fundação da instituição e na formação de seu corpo docente. É a partir dessa Faculdade que se constituíra uma elite social no Rio Grande do Sul que atuará na política, no judiciário, na Universidade, nas letras e até mesmo na economia, conforme discorre Engelmann (2004, p. 79):

A característica comum do grupo dos 24 juristas fundadores e dos 30 que ingressaram como professores entre 1903 e 1926, era a múltipla inserção social, na política, no jornalismo, na literatura e na vida intelectual regional. Reproduziam o padrão de inserção social e política apresentados pelos bacharéis ao longo do período imperial. Da mesma forma, neste grupo de fundadores não se pode caracterizar escolas de pensamento nítidas, havendo o predomínio dos positivistas no sentido de sua inserção no

mundo político, então hegemônico pelo Partido Republicano Rio-Grandense.

Portanto, a influência e o domínio daqueles identificados como positivistas, mesmo sem certa coesão, refletiram-se no espaço cultural, especificadamente no universitário. Por isso os esforços da chamada geração católica, e, como ramificação, do grupo da revista *Idade Nova*, direcionaram sua ação ao ensino superior, porque, assim como os empreendimentos de Alceu Amoroso Lima, no Rio de Janeiro, em relação aos cientificismos, o grupo católico gaúcho tinha “como grande objetivo renovar a cultura rio-grandense” (CARRION, 1983, p.182).

Além desses fatos mais gerais, o traço distintivo e marcante (a exceção de Laudelino Medeiros que estudou no Ginásio Estadual de Santa Maria) do grupo, e da Geração católica de forma geral, foi exatamente a formação escolar nos educandários dos Jesuítas Alemães, seja no Ginásio Conceição de São Leopoldo, no Ginásio Anchieta de Porto Alegre ou no Ginásio Catarinense de Florianópolis. Como demonstra o quadro abaixo:

Instituição	Nº
Ginásio Anchieta	23
Ginásio Nossa Senhora da Conceição	1
Ginásio Catarinense	2
Ginásio Estadual de Santa Maria	1
S/d	3
Total	30

**Quadro I:** Formação escolar secundária  
Fonte: Elaboração própria

De todos apenas Antônio Pinto Bottini chegou a estudar no Ginásio Conceição de São Leopoldo, que pode ser considerado o embrião de tais empreendimentos jesuítas<sup>8</sup>. Se inicialmente o Colégio Conceição de São Leopoldo destinava-se, dentro do projeto de restauração católica, a formar os filhos dos Colonos para o Magistério ou para o Sacerdócio, a partir de 1878, com o sucesso dos seus alunos nos exames públicos passou a ser a

<sup>8</sup> A partir disso os Jesuítas alemães do Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo buscaram formar as elites sociais e políticas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina instalando instituições nas principais cidades da época, ou seja, Rio Grande, Pelotas, Florianópolis com o Colégio Catarinense, e, principalmente, Porto Alegre com o Colégio Anchieta

instituição favorita das elites rio-grandenses e catarinenses<sup>9</sup>. Situação que se intensificou com a equiparação, em 1900, ao Colégio Dom Pedro II, sendo a primeira instituição escolar do Rio Grande do Sul a conseguir tal feito. Em 1913 o Colégio Conceição tornou-se Seminário para os candidatos ao sacerdócio, e o projeto de formação de elites dos Jesuítas foi concretizado no Colégio Anchieta em Porto Alegre e no Colégio Catarinense em Florianópolis.

Os irmãos Daniel e Biase Faraco, filhos de imigrante italiano e de origem humilde, estudaram no Ginásio Catarinense antes de virem para Porto Alegre. Destaca-se o caráter público desse Ginásio que foi entregue para os Jesuítas alemães em 1905 e iniciadas suas atividades em 1906. Sua fundação foi marcada, de um lado pelo fracasso das instituições anteriores e do próprio colégio público em firmarem o ensino secundário e equipararem-se ao Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro, e por outro por boa parte da elite política catarinense ter estudado no Ginásio Conceição de São Leopoldo. Desse modo, por iniciativa do governador Vidal Ramos (1902-1905), antigo egresso do Ginásio Conceição, o colégio catarinense passou para a iniciativa privada – a Companhia de Jesus - mas recebendo subsídios do poder público. Norberto Dallabrida (2002, p. 52) em seu estudo sobre o Colégio Catarinense descreve o impacto da sua fundação:

Em nível estadual o Ginásio Santa Catarina respondeu ao desejo de distinção social das elites burguesas, que procuravam se diferenciar do restante da população também por meio de símbolos, entre os quais a escola de nível secundário de seus filhos que daria acesso seguro aos cursos superiores.

No primeiro ano sob a direção dos jesuítas alemães o Ginásio Catarinense foi equiparado ao Dom Pedro II, e a partir desse momento a formação escolar baseada no método pedagógico jesuítico *Ratio Studiorum* foi cada vez mais procurada pelas elites catarinenses. No entanto, a maioria do grupo da revista *Idade Nova* teve sua formação escolar no Ginásio Anchieta de Porto Alegre. Este, desde 1890, era conhecido como o Colégio dos Padres, criado pelo Pe. Trappe J.S, um órgão complementar da Igreja São José, e externato do Ginásio Conceição. Apenas em 1908 tornou-se independente quando chegou à

---

<sup>9</sup> Nesse sentido, destaca-se o papel do Ginásio Conceição na formação escolar de várias lideranças políticas, militares e religiosas, tanto republicanas, quanto federalistas, e também católicas, no Rio Grande do Sul, como: Oswaldo Aranha, Nereu Ramos, João Neves da Fontoura, Adroaldo Mesquita da Costa, Alberto Bins, Jacinto Godoy, Álvaro Moreira, Antonio Saint Pastous, Feliz Contreiras Rodrigues, Alfeu Bica de Medeiros, General Raul Silveira de Mello e D. João Becker, entre outros.

matrícula de 418 alunos e conseguiu a equiparação, pelo governo federal, a excelência acadêmica do Ginásio Nacional Pedro II. Conforme demonstra quadro abaixo da evolução de matrículas:

Ano	Alunos	
	Diurnos	Noturno
1903	144	
1905	254	
1910	457	
1915	412	
1920	499	
1925	593	
1930	940	181
1935	945	405

**Quadro II:** Matrículas Ginásio Anchieta (1903-1935)

Fonte: Elaboração própria a partir de LUTTERBECK, Pe. Jorge Alfredo (1977)

O que caracterizou o Colégio Anchieta como uma escola de elite e destinada para a formação de quadros dirigentes, assim como ocorreu com o Colégio Catarinense, foi o tipo de socialização escolar que os alunos tiveram baseada no incentivo a competição, na disciplina e na formação intelectual internacionalizada (TRINDADE, 1982). Sobre esse caráter de formação para a atuação pública discorre Rogério Luiz de Souza (2006, p.01) em relação ao Catarinense:

Civilizar as futuras lideranças políticas do Estado era a palavra de ordem, com o propósito de preparar jovens para cumprir os deveres de perfeitos cidadãos do Estado e da pátria. E assim, esperavam-se firmar na masculinidade branca e rica o domínio da esfera pública e a direção da utopia civilizadora. Trazer os jesuítas de São Leopoldo (Rio Grande do Sul) e da Alemanha era, portanto, a condição sem a qual esse ideal poderia estar comprometido. Oportunizar a civilização e a catolicidade romana, dizia o vigário geral de Florianópolis, padre Francisco Topp, natural de Warendorf (Alemanha), dependia das ordens religiosas européias e das escolas. E o Colégio Catarinense, fundado pelos jesuítas da missão alemã, veio a se transformar no espaço privilegiado de formação e preparação de um novo sujeito.

Portanto, a cultura escolar reproduzida no Colégio Catarinense, e também no Anchieta, “procurava reproduzir sujeitos regulados, empreendedores e refinados, do sexo masculino, particularmente aqueles que se preparavam para integrar a elite dirigente” (DALLABRIDA, 2002, P.09). No entanto, embora o Colégio Anchieta também estivesse conectado a esse projeto de formação de elite políticas, sociais, econômicas dos Jesuítas, apresenta especificidades em relação ao Catarinense, especialmente em relação ao seu papel na formação de uma geração de leigos intelectualmente capazes de se opor as correntes laicizantes da sociedade.

Trata-se da formação de um laicato católico que foi “tributária da ação educacional dos Padres Jesuítas. O colégio Anchieta formou toda uma geração de leigos profundamente comprometida com os postulados católicos” (ISAÍÁ, 1998, p. 115). Este foi o caso de todo grupo da Revista *Idade Nova*. Além da formação escolar em Ginásios administrados por jesuítas, todos eles durante a formação secundária, depois universitária e mesmo após de formados fizeram parte de Congregações Marianas que se originaram no Colégio Anchieta como argumenta Isaíá (1998, p. 118):

A formação recebida no Ginásio Anchieta deveria ultrapassar os anos que os jovens freqüentavam o seu internato ou externato. Para evitar que os alunos egressos do Ginásio sofressem a influência de más companhias ou não perseverassem nas suas obrigações religiosas e nos valores a eles transmitidos, os Jesuítas cercavam de cuidados a seus alunos. Não só se oferecia aos acadêmicos cursos de atualização cultural, onde se procurava mostrar a fragilidade do pensamento divorciada do magistério católico, como continuava-se a reuni-los periodicamente nas reuniões da Congregação Mariana, bem como concentrá-los em republicas diretamente ligadas aos padres.

A maioria dos membros da revista *Idade Nova* enquanto estudantes do Ginásio Anchieta fizeram parte da Congregação Mariana *Nossa Senhora da Glória*. Esta Congregação, fundada em 1909, representou uma primeira etapa na formação desses grupos que foi continuada no decorrer de suas vidas através daquelas destinadas aos acadêmicos e depois aos formados. Dentre essas três Congregações -*Nossa Senhora da Glória* para estudantes anchietanos secundários, *Mater Salvatoris* destinadas aos universitários e mais tarde a *Auxilium Christianorum* dos formados- a *Mater Salvatoris* foi à instituição mais importante na conversão para a ação pública da Geração Católica, especialmente para o grupo da revista *Idade Nova*. Fizeram parte dessa Congregação praticamente todo o grupo da revista como demonstra o quadro abaixo:

Período	Nº
1917-1920	4
1921-1930	4
1931-1940	18
S/d	4
Total	30

**Quadro III:** Ingresso na Congregação Mariana “Mater Salvatoris”  
Fonte: Elaboração própria

Mais do que apenas fazer parte dessa Congregação o núcleo central desse grupo participou dela no período de 1931 a 1940 em que foi orientada pelo Jesuíta Alemão de origem nobre Pe. Werner von und zur Mühlen S.J. Este veio para o Brasil quando foram proibidas as atividades das Congregações Católicas, em Portugal, país em que atuava. Entre 1923 a 1939, foi professor do Colégio Anchieta, além de orientador espiritual da Congregação Mariana, onde deu conferências e cursos livres sobre Psicologia e Filosofia, a exemplo do seu estudo sobre *O livre-arbítrio*, publicado em 1919, o qual teve grande repercussão.

Foi dentro desse universo da Filosofia e da Psicologia do Padre Werner, que muitos congregados vão se inserir na docência, como Armando Câmara, Victor de Brito Velho, Ernani Maria Fiori e Álvaro Magalhães. A homenagem prestada pelo professor de Botânica do Colégio Anchieta e catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Balduíno Rambo reproduzida no primeiro volume da Revista Estudos da Associação de Professores Católicos, demonstra como Padre Werner era visto pelos seus discípulos:

Dono da ciência profana e sagrada de dois milênios de estudos eclesiais, portador de uma dignidade essencialmente superior às forças da natureza humana, depositário da confiança de três gerações de acadêmicos, guarda do segredo profissional de milhares de consultas espirituais e do sigilo sacramental de milhares de confissões, o vulto do sacerdote Werner Von Und Mühlen se levanta aos nossos olhos na penumbra dos arcanos da mediação entre Deus e os homens, mediação misteriosa, que constitui o sacerdócio católico (RAMBO, 1940. p. 15).

Entre tantas vocações de Padre Werner, Rambo assinala como a mais importante à cristianização da nova juventude acadêmica de Porto Alegre. Nesse sentido, escreve:

Neta duma era de positivismo filosófico, a juventude estudiosa clamava, por alguém que lhe saciasse a fome inata do espírito humano pela metafísica: foi o Padre Werner que lhe abriu os tesouros imortais da filosofia perene. Filha de uma era eivada de materialismo, a juventude necessitava de um guia, que lhe ajudasse a reivindicar os direitos inauferíveis das verdades transcendentais da espiritualidade: foi o Padre Werner que a conduziu a fonte inextinguível da filosofia espiritualista e sã. Rodeado pelos castelos de ar e os escombros caóticos do anarquismo da nossa era, a juventude precisava de um arrimo, de uma autoridade, de um fundamento capaz de sustentar o edifício espiritual da vida sincera, séria e verdadeiramente humana: foi Padre Werner que lhe descobriu o subsolo granítico dos princípios eternos de toda ciência, de toda a cultura, de toda atitude humanamente sólida e imperecedora.- A vocação especial do Padre Werner foi de servir como núcleo de cristalização para as aspirações de sã filosofia da juventude acadêmica nova de Porto Alegre (RAMBO, 1940, p. 15).

Mesmo que Padre Werner não tenha publicado livros, sumas para a juventude, sua ação concentrou-se na formação intelectual e espiritual dos jovens nos seminários livres da congregação e nas orientações individuais dos congregados. Como Werner não foi um grande orador “fez com que seu zelo, suas idéias, seus ideais se divulgassem pela boca de seus congregados, mais moços, mais ardentes, mais inteirados da realidade da vida no grande público” (RAMBO, 1940, p. 16) Werner formou *um exército católico de combate* especialmente pela atuação dos mais jovens na Universidade, como os membros da Revista *Idade Nova*: Francisco Machado Carrion, Victor de Britto Velho, Carlos de Britto Velho e Ernani Maria Fiori.

Através da influência de Werner esses jovens lutaram para conquistar as faculdades existentes para a doutrina católica do humanismo integral, muitas vezes utilizando-se de violência à revelia do próprio padre. Essa juventude católica de vanguarda que entrou na década de 1930 nas Faculdades de Direito e Medicina, no contexto da revolução de 1930, queriam conquistar o mundo, no início contra a penetração americana, mas definiram-se pela conquista da Universidade, “das cátedras do futuro” para “transformar a faculdade agnóstica e positivista em faculdade católica”<sup>10</sup>. O quadro abaixo ilustra os estudos universitários do grupo da revista:

---

<sup>10</sup> CARRION, Francisco Machado. Entrevista concedida à Hélgio Trindade. 1967.

<b>Curso</b>	<b>N°</b>
Direito	10
Engenharia	4
Economia	1
Medicina	9
S/d	6
Total	30

**Quadro IV:** Estudos Universitários

Fonte: Elaboração própria

Portanto, a Ação Católica desse grupo consistiu em “exercer o apostolado num meio não confessional” (TRINDADE, 1982, p. 30). A partir do grupo da Congregação Mariana *Mater Salvatoris*, especialmente aquele orientado pelo Jesuíta Alemão Pe. Werner von und zur Mühlen, ou seja, o mesmo grupo da revista *Idade Nova*, desdobrou-se uma série de iniciativas de difusão do catolicismo na sociedade Rio-Grandense e de cooptação da juventude católica como o Centro Católico de Acadêmicos (CCA), os Centros de Juventude Católica, a Associação dos Professores Católicos e a revista *Estudos*. Resta saber o que difundiam? Como analisamos a seguir.

### **“O mundo moderno é dos moços”: Repertórios intelectuais de combate à modernidade**

Dada à formação escolar e religiosa do grupo católico da revista *Idade Nova* baseada no catolicismo romanizado, e, sobretudo, a influência dos Jesuítas alemães, seus artigos de combate á modernidade refletiam a renovação da escolástica tomista contidas tanto em certas encíclicas papais, especialmente aquelas de Pio X e Leão XII, como nas obras de Jaques Maritain<sup>11</sup>, Cardeal Mercier, e Alceu Amoroso Lima.

Assim, “A filosofia de São Thomas, se difere do que ela foi do tradicionalismo para ser uma figura de armadura intelectual própria a opor o pensamento moderno e a reação contra o individualismo” (MAYEUR, 1972, p. 08). Neste sentido, destacou-se o papel de divulgador dos postulados Tomistas que Pe. Werner teve, uma vez que, assim como outrora Maritain classificava São Thomas de Aquino, foi posteriormente consagrado como o

<sup>11</sup> Sobre a influência das ideias de Jacques Maritain sobre esse grupo ver: MONTEIRO, L. M.; DRUMOND, A. A Democracia na obra de Jacques Maritain e sua recepção pelos círculos católicos brasileiros. **Tomo (UFS)**, v. 18, p. 43-70, 2011

*apostólogo da inteligência gaúcha* (RABUSKE, 1999). Tal influência é sentida nas poucas obras publicadas pelos membros do grupo, como Armando Câmara (Teoria Geral do Valor, s/d), Armando Dias de Azevedo (Neotomismo e Sociologia comparada, 1942), Ernani Maria Fiori (A crise do mundo Moderno, 1941), Mário Goulart Reis (A espiritualidade inaciana e a ação católica, 1940), dentre outros.

No entanto, as produções intelectuais divulgadas na Revista *Idade Nova* em nada se diferenciavam daquelas dos católicos do Centro Dom Vital e da revista a *Ordem* às quais se opunham as correntes laicizantes da sociedade brasileira reproduzindo os pressupostos anunciados nas encíclicas papais de Pio X e Leão XIII. Num primeiro momento a reação católica no Brasil sofreu a influência das encíclicas de combate à modernidade, assim como dos teóricos que criticavam a Revolução Francesa e buscavam a volta da cristandade medieval. Dentre vários artigos publicados na revista com essa orientação, destacamos as ponderações de Carlos de Brito Velho, como abaixo, de valorização a Idade Média:

Média Idade foi o período em que mais perfeitamente se realizou o ideal de disciplina entre os homens. Vivendo sob a proteção da Igreja, submissos a ela, eram felizes. Considerai, somente o que foram as corporações de ofício. Mestres e aprendizes a concorrerem para o bem comum. Não existia, então, trápica dissociação entre capital e trabalho, a competição desumana que leva multidões á miséria para fazer a riqueza a uns poucos. Era o regime de amparo mútuo, realizando-o por todos e todos por um.” (VELHO, 1936, p. 03)

Ou então sua interpretação do que a Revolução Francesa representou:

Em 1789 a massa dirigida por cabecilhas que de moral nem sombra possuíam, mas que haviam compreendido e sabido explorar a situação dos ânimos, varreu do poder os que os detinham. Rolaram cabeças, correram rios de sangue, inverteu-se toda a ordem social existente, definiram-se e declararam direitos e pouco depois de uma revolução que se fizera, como diziam, para desfazer as distâncias, igualar os homens e trazer a paz, restava uma massa imensa de oprimidos, esfaimados, embrutecidos, sob o punho de um louco como Marat, de um canalha como Danton ou de um medíocre fanatizado como Robespierre, logo seguidos do tigre corso a exercer, sedento de glória, numa pressão mais absoluta que a dos Bourbons, cometendo, para satisfazer os pedidos de uma tribo de ambiciosos, a violência, a rapina, a conquista, subjugando povos livres e atirando a morte homens, aos milhões..” (VELHO, 1936, p. 03)

Num segundo momento refletiu-se na ação dos intelectuais do Centro Dom Vital e os católicos de forma geral a mudança da posição da Igreja em relação à condenação do liberalismo contida na encíclica *Syllabus* (1864) de Pio IX. Nesse sentido, o Papado de Leão

XIII foi marcante com sua encíclica *Rerum Novarum* (1891) em que a Igreja começou posicionar-se diante dos efeitos sociais da Revolução Industrial, especialmente as condições inumanas do trabalho e a perda da classe operaria com a laicização da sociedade e o desenvolvimento das ideias socialistas. Isto, sobretudo, refletiu-se na atuação de Alceu Amoroso Lima a partir da década de 1930 a frente do Centro Dom Vital e nas atividades dos Círculos Operários. Perspectiva a qual foi supervalorizada pelos católicos da revista *Idade Nova* dada sua forte ligação com movimento circulista, liderado, no Rio Grande do Sul, pelo Pe. Brentano S.J desde a década de 1930. Como reflete Ernani Maria Fiori, naquele momento idealizador dos círculos de estudos sociais do CCA:

A máquina, como instrumento de progresso, é de valor inestimável. O único, o grande responsável por todos os seus desregramentos, é o homem que a impulsiona! Podemos desmontar todas as máquinas, mas se o homem não for cristianizado, se o homem não for bom, o mal há de perdurar. Humanizar a máquina e sobrenaturalizar o homem (FIORI, 1935, p. 02)

Embora seus escritos estivessem conectados com a Ação Católica nacionalmente, no nível regional sobressaltam-se as estratégias de mobilização da juventude católica divulgadas na revista. Mais do que mobilizar e agregar cada vez mais membros para o movimento católico, eles precisavam afirmar seus postulados num espaço social dominado pelos pressupostos materialistas e laicizantes. Nesse sentido, os editoriais da Revista revelam os repertórios intelectuais acionados de ação. Para tanto, precisavam, além de fundamentar teoricamente seu programa de ação através das correntes neotomistas, criticar e desfazer o liberalismo, o determinismo, o materialismo e o comunismo. Assim, frente ao individualismo liberal defendiam o personalismo; à matéria o espírito; ao conflito de classes a cooperação. Como abaixo:

Somos dessa geração que está disposta à completa luta pela verdade, porque vê, em uma noite completa de idéias, no seio da massa, trabalhada pela demagogia de pretensos reformistas exaltados, perpetuarem-se a injustiça social, com a impassibilidade criminoso de uma classe que tem por horizonte os limites materiais de seu egoísmo. O mal não é de agora, vem de muito longe. Foi com a panaceia do Estado Liberal, originário da Filosofia naturalista do século XVIII, que trouxe para a economia e para a política as teorias unilaterais da Reforma, que se iniciou com o Estado totalitário, representante legítimo do Estado pagão, também unilateral e portador do mesmo erro, que se pretende perpetuar essa situação de angústia social. Nós, porém, que estamos com a verdade, que sabemos terem sido as classes sociais criadas, não para se constituírem em estado de luta, mas, sim, para viverem em colaboração recíproca, nós que entendemos dever o

verdadeiro sistema político-econômico repousar sobre uma ordem de coisas personalísticas mas não individualistas, orgânica mas não coletivista, uma ordem de solidariedade, na qual o espírito predomine sobre a matéria, não nos podemos conformar com o que existe em nossa Pátria, queremos modificar o regime social vigente<sup>12</sup>”

Tais repertórios acionados também na crítica da modernidade e ao homem moderno:

Todos olham para fora, nós olhamos para dentro. O mundo moderno foge de si mesmo. Os homens dos nossos dias, não se achando, procuram-se nos outros. E, eles não se acham porque perderam o selo de sua personalidade, porque já não são o que deveriam ser. E, eles, então, têm medo de si mesmos; querem tudo conhecer e tudo aprofundar, menos, porém, os recifes de sua consciência. Há uma despessoalização profunda; não se sabe mais o que seja um caráter. Na política, é o caniço do deserto, a se dobrar e se desdobrar, conforme as exigências de cada vento. Na economia, é o mar impuro, a determinar a moral de seus atos pelas oscilações de cada vaga. Nas multidões, é a massa dominada pelas fanfarras de uma esterilidade berrante, ou por uma vontade que se lhe impõe, por não ter ela a sua. No indivíduo, é o tipo tão comum de nossos dias, que se conduz como pensa e como pensará aquele a quem tomou por mentor, seja ele um tirano familiar ou um computador social. E nós, o que seremos? Queremos como católicos, ser integralmente homens e nada mais; como centristas, cheios de vida espiritual, de renúncia e disciplinados. Sou a grande hora de ganharmos, a todo transe, a batalha pessoal. Teremos a heroicidade de, em uma época de descalabros, realizar o que devemos ser. Caráter, muito caráter é de que precisam os homens deste século<sup>13</sup>

No final da década de 1930 e início da década de 1940 a revista ampliou sua circulação devido à proliferação de centros de Juventude Católica irradiados a partir do Centro Católico de Acadêmicos (CCA) o qual a revista *Idade Nova* estava subordinada. A partir desse momento, a revista adquiriu um caráter de meio de divulgação das atividades da Juventude Católica e da Ação Católica, não tendo a obrigação de publicação de artigos como outrora. Se junta a isso o fato do grupo idealizador e dirigente da revista estar começando suas carreiras profissionais, políticas, ampliando, assim, os espaços sociais de atuação do catolicismo no sul do país.

### **Os chefes do amanhã: Trajetos profissionais e espaços sociais de atuação no Rio Grande do Sul**

A maioria dos membros do grupo tem em comum a múltipla inserção social e profissional. São os mesmos que “atuavam na política, na Universidade e na prática

<sup>12</sup> Construindo (Editorial). *Revista Idade Nova*. Ano I, N° 5, Novembro de 1934.

<sup>13</sup> Geração Nova (Editorial). *Revista Idade Nova*, Ano I, N° 11, Maio 1935.

religiosa” (TRINDADE, 1982, p. 40). Além disso, tiveram destacada atuação nas suas profissões liberais, como advogados, engenheiros e médicos, assumindo, na maioria das vezes, posições de liderança na criação das incipientes associações profissionais. De forma esporádica, esses católicos destacaram-se nos meios literários, seja através de colaborações via jornais de circulação regional, ou nos meios de difusão da cultura erudita, como a literatura. Em relação à multidimensionalidade de esferas de atuação do grupo católico ressalta Coradini (2003, p. 16):

Além da formação da Associação dos educadores católicos, em 1949, e da Liga Eleitoral Católica, ainda na década de 1930, passou a ocorrer um movimento com um conjunto de ações e uma rede crescentemente ampla de grupos, abrangendo mais diretamente um amplo leque de esferas sociais, que vão desde as questões trabalhistas através dos Círculos Operários, e da política partidária, à educação universitária. Além disso, apesar da resistência ou ambivalência frente à política partidária, em nome do grupo, boa parte dos principais líderes desse catolicismo acabaram nela atuando – com diferentes graus de contradição e desacertos – bem como no ensino universitário.

Com efeito, atuaram de forma mais significativa na esfera educacional, seja como docentes dos educandários secundários, nos cursos pré-universitários do Colégio Universitário, e, especialmente, como docentes, e diretores de unidades acadêmicas nos projetos universitários que emergiam. Tal padrão de inserção social pela via educacional é verificado nas trajetórias de quase todo o grupo da revista *Idade Nova*, como Armando Dias de Azevedo, Armando Câmara, Ernani Maria Fiori, Laudelino Teixeira de Medeiros, Rui Rodrigo Brasileiro Azambuja, Mário Goulart Reis, Álvaro Magalhães, Carlos de Britto Velho, Vitor de Britto Velho, José Truda Pallazo, Biase Agnesino Faraco, Mário Bernd, Francisco Machado Carrion, dentre outros.

De modo específico o grupo da supracitada revista dominou as cátedras de orientação humanística e dos cursos profissionais relevantes no momento em que as faculdades isoladas - Medicina, Direito e Engenharia- juntaram-se às novas instituições universitárias – Faculdade de Filosofia e de Ciências Econômicas- impulsionando assim a criação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1940. Isto ocorreu, sem sombras de dúvidas, porque Armando Câmara assumiu a Reitoria da Universidade, em 1945, e efetivou os membros do grupo católico como professores fundadores das cátedras da Faculdade de Filosofia, oficializando, desse modo, a orientação intelectual da Universidade.

Por outro lado, ainda no âmbito da esfera universitária, destacou-se a atuação de vários membros da revista como fundadores de áreas acadêmicas no Rio Grande do Sul. Esse é o caso da atuação de Laudelino Medeiros e Armando Dias de Azevedo como impulsionadores dos ensinamentos “sociológicos” na UFRGS e na Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC-RS) e Mário Goulart Reis como fundador da Escola de Serviço Social da PUC-RS. Dentre as várias áreas acadêmicas de atuação dos católicos não se pode desconsiderar a influência que exerceram na Faculdade de Direito. Mesmo que tal influência tenha sido pontual, através dos docentes católicos como Armando Câmara, Armando Dias de Azevedo, entre outros, suas práticas induziram a uma mudança doutrinária, uma vez que “a percepção cientificista, naturalista e pragmática anterior é substituída por concepções especulativas sobre a justiça, o valor e as finalidades últimas do Direito” (GRIJÓ, 2005, p. 351).

Na esfera política, embora muitos membros tenham militado nos partidos conservadores existentes (especialmente PSD, PL e UDN), poucos se lançaram candidatos a cargos eletivos pós 1945 para as câmaras legislativas. Assim, dentre os membros da revista *Idade Nova* que concorreram em pleitos eleitorais estaduais<sup>14</sup> apenas Carlos de Britto Velho elegeu-se e seguiu carreira política posterior, sendo eleito Deputado Federal na legislatura de 1962 a 1965 pelo Partido Libertador e na de 1966-67 pela ARENA quando renunciou ao mandato em atitude de protesto ao esvaziamento do Congresso.

Em relação às eleições federais<sup>15</sup> destaca-se a trajetória política de Daniel Agostinho Faraco. Elegeu-se, pelo Rio Grande do Sul, em todos os pleitos que concorreu desde 1945 pelo PSD e depois pela ARENA. Além disso, foi Ministro da Indústria e Comércio, na presidência do Castelo Branco. No entanto, o grande feito dos católicos foi ter elegido Senador seu líder católico Armando Câmara, em 1954, pela Frente Democrática (PDC, PSD, UDN, PL) derrotando o candidato trabalhista João Goulart. Porém, isso logo foi desfeito porque Armando Câmara, quando João Goulart assumiu a vice-presidência da República, renunciou ao Senado, porque não se submetia a ficar num Congresso que não considerava legítimo.

---

<sup>14</sup> Francisco Machado Carrion (PSD), Armando Dias de Azevedo (PL), Carlos de Britto Velho (PL) Antônio Bottini (PL) e José Truda Pallazo (PL).

<sup>15</sup> Do grupo candidataram-se e não foram eleitos a partir de 1945: Ernani Maria Fiori e Antônio Bottini, ambos pelo PL.

Tais repercussões da atuação política da Geração Católica no Rio Grande do Sul, e especificadamente do grupo da Revista Idade Nova, levaram Fernando Trindade (1982) a considerar a década de 1950 como o declínio da influência dos católicos na sociedade rio-grandense. Embora essa constatação traduza a realidade, os católicos continuaram influenciando a esfera educacional, através dos seus membros na Secretaria de Educação do Estado até a década de 1960, assim como na pasta municipal de educação e saúde, a exemplo da atuação de Francisco Machado Carrion. Tal influência deslocada também para outras instituições educacionais como o Centro Regional de Pesquisas Educacionais coordenado por Álvaro Magalhães. Além do que, durante a década de 1960, muitos desses católicos foram inspetores federais do ensino superior, como Laudelino Medeiros e Ernani Maria Fiori. Portanto, a esfera educacional, em todos seus níveis, representou um *lócus* dos mais variados tipos de atuação dos membros da revista Idade Nova.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil -Império*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- AZZI, R. A presença da Igreja na Sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, R. L. (Org). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2007.
- BEIRED, J. L. *Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina: 1914-1945*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BOEIRA, N. O Rio Grande de Augusto Comte. *RS: Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- CAMPOS, F. A. *Tomismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998.
- CARRION, F. M. Depoimento sobre a LEC. *Seminário sobre a revolução de 1930*. Porto Alegre, ERUS, 1983.
- CARVALHO, J. M. História intelectual no Brasil: A retórica como chave de leitura. *Primas: Revista de História intelectual*, n.2, Quilmes, 1998.
- CORADINI, O. As missões de “cultura” e da “política”: Confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.
- CORADINI, O. Elites culturais e concepções de Política no Rio Grande do Sul entre as décadas de vinte e sessenta. *Relatório de Pesquisa para o CNPq*. Porto Alegre, 1998.
- CORADINI, O. Regionalismo, "positivismo" e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no RS (1920-1960). In: TRINDADE, H. H. C. de. (Org.). *O Positivismo: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- COSTA, João Cruz. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Liv. Da Globo, 1945.

- CURY, C. R. J. *Ideologia e educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 1978.
- DALLABRIDA, N. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. 1. ed. Florianópolis/SC: Cidade Futura, v. 700, 2002.
- DELLA CAVA, R. Igreja e Estado no Brasil do século XX: Sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916/1964. *Revista Estudos Cebrap*, 12: 5-25, 1975.
- DIAS, R. *Imagens da Ordem*. A doutrina católica sobre a autoridade no Brasil. 1922- 1933. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- ENGELMANN, F. *Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do Direito no Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado, PPG Ciência Política UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- FAUSTO, B. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FIORI, E. M. Escola sem Religião. *Correio do Povo*. 6 de fevereiro, 1932, s/n.
- FIORI, E. M. O beluário e o monstro. Do desespero de Spengler à ingenuidade de Gandhi. *Idade Nova*, ano II, n. 1. Porto Alegre, Janeiro, 1935.
- FONSECA, P. Pensamento e Obra de Francisco Machado Carrion. In: CARRION, F.M.. (Org.). *Escritos por um humanismo cristão*. Porto Alegre, Feplam, 1990.
- GRIJÓ, L. A. Ensino jurídico e política partidária no Brasil: A Faculdade de Direito de Porto Alegre. Tese (Doutorado em História): UFF/ RJ, 2005.
- ISAIA, A. C. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1998.
- MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MAYEUR, J.-M. Catholicisme intransigent, catholicisme social, démocratie Chrétienne. *Annales. Histoire, Sciences sociales*, volume 27, Numéro 2, 1972.
- MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1988.
- MONTEIRO, L. *Religião, cultura e política: O apostolado laico dos jesuítas e os espaços sociais de atuação no Rio Grande do Sul. (1910-1960)*. 1 ed. Curitiba, CRV, 2015.
- PAIM, A. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo Grijalbo, 1967.
- RABUSKE, A. *Padre Werner: a serviço da inteligência gaúcha (1923-1939)*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 1999.
- RAMBO, Balduino. S.J. Um apóstolo da inteligência: O Padre Werner. In: *Estudos*, n. 1, Porto Alegre, Junho, ano 1, 1940
- ROMANO, R. O pensamento conservador. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 3, p. 21-31, Nov, 1994.
- SALEM, T. Do Centro D. Vital á Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, S (Org). *Universidade e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982.
- SEIDL, E. *A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul*. Tese. Doutorado PPG Ciência Política, UFRGS, 2003.

SIRINELLI, J-F. *Intellectuels et passions françaises*. Paris, Fayard, 1990.

SOUZA, R. L. O Colégio dos Jesuítas em tempos de nacionalização. *26ª Reunião da Sociedade brasileira de pesquisa histórica*, 2006.

TRINDADE, F. Uma contribuição a história da Faculdade de Filosofia da UFRGS. In: *Revista do IFCH/UFRGS*, Porto Alegre, n. 10, 1982.

VELHO, C. B. Corrupção do mundo e a sua salvação. *Idade Nova*, Ano III, N.5. Porto Alegre, novembro, 1936.

VILLAÇA, A. C. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1977.